

TRABALHADORES DO MUNDO, LUTEM ENTRE SI! NOTAS SOBRE A CRISE DOS REFUGIADOS

Amigos da sociedade sem classes

Link:

<https://cominsitu.wordpress.com/2017/01/12/workers-of-the-world-fight-amongst-yourselves/>

O texto a seguir, escrito pelas Freundinnen und Freunden der klassenlosen Gesellschaft, foi publicado nas edições de outubro e novembro da revista esquerdista alemã Konkret. Traduzido aqui por Endnotes. Nossos amigos parecem ter uma visão um tanto estreita do racismo (para não falar da islamofobia), mas fornecem uma visão geral útil da política de migração na Alemanha, o país europeu que recebeu a maior parte dos pedidos de asilo, bem como uma crítica de várias respostas da esquerda alemã.

1.

No último outono, parecia que estávamos testemunhando um ponto de inflexão política. Um movimento em massa de migrantes mostrou à fortaleza Europa os limites de seu alcance. No entanto, esse foi apenas um movimento no sentido literal da palavra e certamente não foi o despertar de uma "multidão" que abalou os alicerces da ordem vigente. Os migrantes não tinham nenhuma exigência além do direito de permanecer na Europa, um direito que eles já haviam reivindicado temporariamente. Na Alemanha, como o Estado não conseguiu mobilizar os recursos adequados, a logística envolvida na chegada dos refugiados foi deixada, em sua maior parte, a cargo de voluntários. Enquanto isso, a esquerda radical passou a comemorar o colapso do regime de fronteiras europeu como um ato de "autoempoderamento" ou como "autonomia da migração".

Outros viram um plano mestre capitalista sinistro por trás da política de abertura temporária das fronteiras de Angela Merkel. De acordo com essa interpretação, a política buscava usar imigrantes baratos e dóceis para reestruturar o mercado de trabalho europeu. Algumas pessoas da esquerda viam isso como uma ameaça e,

portanto, aderiram aos apelos para a construção de muros ao redor da Europa. Eles foram ainda mais encorajados pelas agressões sexuais em massa na véspera de Ano Novo em Colônia, em que centenas de mulheres foram apalpadas, roubadas e, em alguns casos, estupradas por um grande grupo de homens de "aparência árabe ou do norte da África". À luz do acordo da UE com a Turquia e dos campos de internação que estão sendo planejados para a Líbia, essas duas interpretações parecem duvidosas. Depois de serem pegos de surpresa, os poderes constituídos recuperaram o controle da situação e sua necessidade de mão de obra barata parece bastante limitada. Pelo contrário, os acontecimentos do ano passado refletem um excedente esmagador de mão de obra, tanto nos países de origem quanto na Europa. Esse excedente intensifica a concorrência dentro da classe trabalhadora, gerando nativismo, divisão e medo da pobreza. Se quisermos entender essa situação, precisamos fazer mais do que condenar o racismo.

2.

Alguns argumentam que as fissuras que surgiram no sistema de fronteiras europeu não teriam sido possíveis se não fosse a instabilidade resultante da chamada Primavera Árabe. Helmut Dieterich, por exemplo, conclui que a migração em massa que se seguiu é parte dessa revolta: "Os movimentos de refugiados e migrantes abriram novas perspectivas com as quais ninguém na Europa teria ousado sonhar"¹. De fato, a derrubada, em 2011, de déspotas que haviam se aliado às agências de fronteira europeias para fechar as rotas de migração - com tortura, escravização de *fato* de migrantes retidos e bombardeios regulares de barcos de refugiados - criou um vácuo que permitiu que os contrabandistas organizassem a passagem de dezenas de milhares de emigrantes com pouca interferência. Mas será que isso abriu "novas perspectivas"?

Dieterich não está sozinho em suas opiniões. Durante anos, acadêmicos críticos e a esquerda promoveram a noção de uma "autonomia da migração". À primeira vista, essa noção apenas aponta para o fato de que os migrantes, às vezes, conseguem superar as restrições de movimento impostas pelo Estado. Esse é obviamente o caso. A imigração ilegal em massa desafia o status quo, que é, em parte, mantido pelo regime de fronteiras existente. Seguindo a perspectiva trabalhista que postula a luta como o motor da história, os defensores dessa tese colocam o foco nos migrantes como agentes

¹ Dieterich, *Analyse & Kritik*, 12/15

autônomos que formam um coletivo ao se mudarem para outro país e lutarem por uma vida melhor.

Essa interpretação parece um pouco chocante em relação aos refugiados que fogem da miséria da guerra na Síria e no Iraque. Para eles, a "Primavera Árabe" não abriu "novas perspectivas". As pessoas deslocadas pela guerra não se tornam agentes de subversão ao embarcarem em uma balsa na costa turca. Embora certamente impressionante, sua jornada pelas inúmeras fronteiras dos Bálcãs não é um ataque autodeterminado à fortaleza Europa, mas um ato de puro desespero. Nos países em que a decisão das pessoas de sair não é motivada pelo terror e pela guerra civil, o principal motivo é a necessidade de encontrar um mercado para sua força de trabalho. O êxodo em massa não é o resultado da vitória da Primavera Árabe, mas de sua derrota.

Quaisquer que sejam as diferenças entre os países, uma população excedente crescente lutando por "pão e liberdade" foi uma parte significativa do cenário a partir do qual a agitação no Oriente Médio surgiu em 2010, espalhando-se como um incêndio a partir da Tunísia. Mas os governos derrubados por essa agitação foram logo substituídos por novos governos que se mostraram igualmente brutais, como no Egito; ou as revoltas se transformaram em guerras civis ou de gangues, como na Síria e na Líbia. Por enquanto, a Primavera Árabe levou a uma barbarização na forma de guerra, prisões em massa de ativistas, tortura e regimes de terror islâmico - e há pouca perspectiva de melhorias econômicas pelas quais os movimentos ansiavam. Embora a maioria esteja fugindo da guerra na Síria e no Iraque, e não do desemprego, essa guerra está ligada ao excedente de mão de obra: a dependência para a subsistência de mão de obra assalariada indisponível cria problemas para os poderes constituídos e oportunidades para os jihadistas². A romantização do fato de que as pessoas fogem dos infernos que se seguem contribui pouco em termos de esclarecimento³.

² Como escrevemos em 2012: "A Síria foi atingida pela mesma crise social do norte da África. Quase metade da população tem menos de 15 anos de idade; todos os anos, 250.000 a 300.000 pessoas entram no mercado de trabalho, mas o setor público, tradicionalmente importante, congelou as contratações por anos. Há alguns anos, um think tank alemão observou que "o problema politicamente mais perigoso" na Síria era o "crescimento dos cinturões de pobreza em torno das principais cidades sírias. [...] Famílias sírias chegam lá diariamente, incapazes de sustentar sua vida no campo". Pós-escrito de ["The Arab Spring in the Autumn of capital"](#).

³ Um tipo semelhante de romantização foi predominante nas reações da esquerda às agressões na véspera de Ano Novo em Colômbia. Temendo uma reação política contra todos os refugiados, a esquerda simplesmente recitou o mantra de que muitos alemães também são sexistas; que todos os sexistas, independentemente da origem nacional, são imbecis; e a falsa alegação de que as agressões sexuais são

O outro lado da moeda é um anti-imperialismo simplista, repleto de teorias da conspiração. Os movimentos de migrantes são interpretados como ataques ao "eixo anti-imperialista" e aos trabalhadores alemães. De acordo com Arnold Schölzer, editor-chefe do jornal *Junge Welt*, por exemplo, o imperialismo tem causado ondas de migração desde seu início, globalizando a guerra e a crise. Essa "supermigração" gera um "superlucro", afirma Schölzer, porque os refugiados são potenciais fura-greves. Portanto, sua "importação e exportação [...] tem de ser evitada" (*Junge Welt*, 6 de abril de 2016). Esses bolcheviques nacionais não são exceções entre os nacionalistas de esquerda alemães. Para eles, os migrantes são apenas peões do capital em sua guerra contra a classe trabalhadora nativa. O mesmo jornal permitiu que Werner Rügener expressasse suas ideias paranoicas, alegando que a migração da Síria fazia parte de uma "política trabalhista patrocinada pela OTAN" destinada a enfraquecer Assad e piorar as condições de trabalho no país (*Junge Welt*, 22 de setembro de 2015).

Embora, em geral, seja verdade que fronteiras permeáveis assustam mais os trabalhadores do que o capital, não há nada que sugira que a necessidade de mão de obra barata estivesse por trás das portas abertas de Merkel nesse caso específico. Há apenas alguns anos, o governo alemão vetou bruscamente uma sugestão da Itália, atormentada pelo desemprego em massa, de reassentar os refugiados que chegavam à sua costa em toda a Europa. Além disso, parece que aqueles que chegaram em 2015 estão destinados a passar mais tempo em escritórios de assistência social do que no chão de fábrica em um futuro próximo.

Os representantes do capital enfrentam uma escolha difícil: o pleno emprego poderia incentivar os trabalhadores a se movimentarem, mas queimar uma parte da mais-valia para alimentar massas de desempregados também não é uma opção atraente. Apesar de todo o discurso sobre a falta de mão de obra na Alemanha, pouquíssimos refugiados recém-chegados conseguiram encontrar trabalho⁴. Considerando que três quartos dos líderes econômicos alemães aparentemente não veem nenhuma chance de

igualmente predominantes na Oktoberfest de Munique. Isso serviu para obscurecer as diferenças nas relações de gênero entre as sociedades da Europa Ocidental, do Oriente Médio e do Norte da África e o fato de que as agressões em Colônia foram, na verdade, bastante extraordinárias.

⁴ As estatísticas mais recentes mostram isso claramente. 30.000 requerentes de asilo encontraram trabalho na Alemanha desde abril de 2015, a maioria com salários baixos e empregos de meio período. Por outro lado, 130.000 estão recebendo assistência social. Se acrescentarmos a isso cerca de meio milhão de pessoas cujos pedidos de asilo ainda estão sendo processados e que, portanto, também dependem do dinheiro do Estado, o balanço é bastante inequívoco. C.f. "Zehntausende finden Arbeit in Deutschland" (spiegel.de).

que isso mude, mesmo a longo prazo, e estão aliviados com a diminuição do fluxo de imigrantes, as alegações sobre uma "política trabalhista patrocinada pela OTAN" parecem bastante ridículas⁵. A situação atual é completamente diferente da era pós-guerra, quando as economias da Europa Ocidental absorviam milhões de trabalhadores de suas antigas colônias e buscavam ativamente "trabalhadores convidados".

3.

Se os refugiados não são portadores de mão de obra que atenda às necessidades dos administradores da zona do euro, resta saber o que levou o governo alemão a suspender o Regulamento Dublin II de 2003 - segundo o qual o país pelo qual um solicitante de asilo entra na União Europeia é responsável pelo destino dessa pessoa - e a abrir as fronteiras no verão de 2015. Aparentemente, essa foi uma tentativa de estabilizar uma situação cada vez mais caótica: à medida que um número crescente de migrantes ficava retido ao longo das fronteiras internas da Europa, principalmente no Leste, os países do Leste Europeu ameaçavam abertamente romper com a política alemã, e a Grécia não estava mais disposta ou apta a fazer cumprir o regime de fronteiras europeias.

O caos resultou principalmente do fato de a classe dominante ter superestimado sua capacidade de controlar o fluxo de novas migrações e subestimado a determinação dos migrantes - até esse ponto, a tese de uma "autonomia da migração" está correta. Assim como o governo italiano fez antes, o governo do Syriza na Grécia simplesmente parou de registrar sistematicamente os refugiados no verão de 2015 e permitiu que eles seguissem para a Macedônia. Há certa ironia no fato de que a Grécia, entre todos os países, ao fazer isso, reafirmou sua soberania nacional, que havia sido questionada por programas de austeridade draconianos impostos pela Alemanha⁶.

⁵ O *Frankfurter Allgemeine Zeitung* resumiu uma pesquisa com 500 "tomadores de decisão" de empresas e políticas públicas alemãs da seguinte forma: "Mais de dois terços dos líderes econômicos alemães veem pouca ou nenhuma chance de os refugiados serem absorvidos pela sociedade alemã, enquanto três quartos não acreditam que eles sejam integrados ao mercado de trabalho alemão. Por outro lado, a maioria (56%) dos líderes políticos acredita que as perspectivas de integração social são boas ou muito boas, mas eles também duvidam de suas chances no mercado de trabalho." C.f. "Eliten befürchten neue Flüchtlingswelle", *Frankfurter Allgemeine Zeitung*, 19 de julho de 2016.

⁶ Antes do Grande Verão da Migração, de 2006 a 2015, mais de 1,8 milhão de refugiados cruzaram a fronteira com a Grécia, mas a maioria permaneceu no país. Somente com a intensificação da crise econômica é que a Grécia se tornou cada vez mais um país de trânsito. Sobre isso, veja o texto do grupo grego Antithesi, "[Vogelfrei: Migration, deportations, capital and its state](#)", julho de 2016.

Em seu país, Merkel trabalhou para legitimar suas políticas, encobrindo o grau de perda de controle do governo e dando um toque positivo à absorção de um número inesperadamente grande de migrantes. Porém, assim como a Alemanha estava sendo elogiada internacionalmente por sua "cultura de boas-vindas", os representantes do governo já estavam trabalhando para fechar novamente as fronteiras da Europa. Isso culminou no acordo com a Turquia, que, na prática, aboliu o direito individual de asilo e criou uma situação em que alguns refugiados arriscam suas vidas para que outros sejam aceitos na Europa⁷. Essa combinação de pragmatismo, humanismo retórico e dureza real conseguiu reduzir o número de refugiados que chegavam à Alemanha.

Após o acordo com a Turquia, Merkel parecia ter vencido o primeiro round, tendo restabelecido a normalidade capitalista, garantido a hegemonia alemã e desacelerado a tendência de renacionalização na Europa. Para a economia exportadora alemã, em particular, a manutenção do Acordo de Schengen - que garante fronteiras abertas na Europa - é fundamental. De acordo com o resumo positivo do professor Herfried Münkler sobre essa política pragmática, "uma distribuição justa dentro da Europa, uma melhor segurança de suas fronteiras externas, a estabilização da periferia - tudo isso tem pouco a ver com idealismo ou sentimentalismo"⁸. O ponto fraco da política, entretanto, foi sua incapacidade de satisfazer o sentimento nativista e a necessidade de identidade nacional dentro do campo conservador. Até agora, esse campo não conseguiu reconhecer a sutil dureza de Merkel e chegou à conclusão de que seu governo fracassou.

4.

No início de 2012, os refugiados deram início a uma nova onda de protestos contra as restrições de residência e o confinamento em campos, as condições de vida, o princípio de benefícios em espécie e não em dinheiro, as deportações e o regime de fronteiras em geral. Influenciados pelo movimento Occupy, os refugiados auto-organizados decidiram ocupar as praças das cidades e montar acampamentos de protesto em várias cidades alemãs. No outono de 2012, os refugiados iniciaram uma marcha da cidade bávara de Würzburg até Berlim, levando à ocupação da Oranienplatz em Kreuzberg. Esse acampamento de protesto seria o ponto de partida de várias ações

⁷ *Nota do tradutor:* Uma parte do acordo entre a UE e a Turquia era que esta última receberia de volta todos os refugiados que chegassem à Europa. Em troca, a UE tinha que aceitar um número equivalente de refugiados dos campos turcos. Isso foi feito para desencorajar as pessoas a tentarem a passagem para a Grécia.

⁸ Herfried Münkler, ["Wie ahnungslos kluge Leute doch sein können"](#), *Die Zeit*, 20 de fevereiro de 2016.

nos 18 meses seguintes. Mais tarde, uma escola abandonada, a Gerhard-Hauptmann-Schule, foi ocupada. Juntamente com os protestos generalizados em Hamburgo - nos quais uma coalizão incomum de torcedores de futebol, partidos de esquerda e a esquerda radical levou até 15.000 pessoas às ruas - isso criou a aparência de que um novo ciclo de lutas havia começado.

Mas essas esperanças se revelaram falsas. Sem acesso ao mercado de trabalho ou sem a solidariedade persistente do público em geral, os refugiados acabaram por não ter como fazer valer seus interesses - uma fraqueza que exemplifica o problema do proletariado excedente. Isso os levou a recorrer a meios extremos, como greves de fome, tendo o Estado como o único destinatário possível de suas demandas. Mas, no fim das contas, ele conseguiu dividir e pacificar os protestos, com vários ocupantes participando da destruição do acampamento de Oranienplatz em abril de 2014, depois que o governo local lhes fez algumas promessas vagas.

As condições de luta não melhoraram como resultado do influxo em massa de refugiados em 2015, mas, na verdade, pioraram. A moradia em campos, os benefícios em espécie e o restabelecimento das restrições de residência, que na prática foram abolidos como resultado de lutas recentes, agora fazem parte da vida cotidiana de centenas de milhares de pessoas. Houve contestações aqui e ali, mas nenhum movimento em grande escala.

O apoio que uma parte considerável da população alemã deu aos refugiados no ano passado foi surpreendente para muitos que viveram os horrores da década de 1990. Naquela década, uma onda de ataques racistas, tumultos e pogroms varreu a Alemanha - alguns deles mortais. Esse apoio teve todo tipo de motivação, desde a caridade cristã até a oposição ao Estado. Condenados a realizar as tarefas mais estúpidas por um salário, muitos podem ter gostado de fazer algo útil para variar. Milhares de voluntários coletaram doações, distribuíram alimentos, organizaram atividades em campos de refugiados, ajudaram refugiados a cruzar fronteiras ou em suas interações com burocracias estatais, ou os convidaram para morar em suas casas. Esse foi um contraponto agradável à agitação racista, aos ataques e às mobilizações contra a moradia dos refugiados. Essa "cultura de boas-vindas" era, em sua maior parte, humanitária,

embora, principalmente nas cidades maiores, houvesse - e em alguns casos ainda há - tentativas de se organizar contra o Estado.

Se conversarmos com os voluntários que participam das iniciativas de apoio, a raiva deles em relação às ações do governo é inconfundível. A maioria lhe dirá que o Estado ignora a situação dos refugiados e não está disposto a fornecer nem mesmo a infraestrutura mais rudimentar. A "cultura de boas-vindas" veio em socorro quando o Estado se recusou a ajudar, correndo o risco de se tornar pouco mais do que uma espécie de trabalho social individualizado. Esse é um tipo de problema conhecido, e não se pode culpar os participantes. No entanto, ele levanta a questão de até que ponto é possível trabalhar para a capacitação coletiva em tais condições.

Com tudo isso em mente, não está claro para nós como o movimento pode recuperar o ímpeto, especialmente à luz do fato de que a maioria dos refugiados, compreensivelmente, tem pouco senso de conflito com o Estado. Muitos estão apenas aliviados por terem chegado à Alemanha antes do fechamento das fronteiras. O fato de os marginalizados que vivem na maior miséria serem os mais propensos a se revoltar é um mito da Nova Esquerda. Os refugiados não têm interesse inerente em uma revolta; para muitos, cruzar a fronteira será seu primeiro e último ato subversivo. Isso é de se esperar, já que aqueles que ainda esperam ser admitidos no sistema têm mais a ganhar com a conformidade. A luta em direção ao país de destino, atravessando fronteiras e passando pela aplicação da lei, é ofensiva, mas, após a chegada, tende a ser substituída por um modo mais silencioso e individualizado, à medida que a coletividade da marcha dos refugiados se desfaz. Nesse estágio, o objetivo passa a ser obter reconhecimento como refugiado, participação social, status legal, trabalho e moradia razoável, em vez de pressionar coletivamente o regime de fronteira. As esperanças de muitos da esquerda de que as lutas ao longo das rotas para a Europa continuassem na Alemanha não se concretizaram.

5.

A revista *Wildcat* apontou corretamente que uma luta meramente "cultural" não é suficiente, apesar da necessidade de uma "borda antifascista"; é necessário "desenvolver mais ideias sobre como relacionar nossas ações ao antagonismo social". No entanto, não está claro para nós de que forma as chances de isso acontecer

melhoraram como resultado do recente influxo em massa de migrantes. Não vemos como "eles transformaram questões como salários, condições de trabalho, moradia etc. em questões 'públicas'"⁹ - na melhor das hipóteses, eles causaram uma certa comoção entre o proletariado nativo com relação a essas questões. O fato de que esse proletariado vê seus novos vizinhos principalmente como concorrentes nos mercados de trabalho e de moradia parece quase lógico nessas condições. O slogan generalizado "Refugiados bem-vindos" ignorou a questão de classe, que depois retornou em uma forma nacionalista com demagogos como Pegida e Alternativ für Deutschland (AfD), cujos gritos de guerra chauvinistas os retratam como defensores do homem comum.

Esse é o maior talento dos portadores da tocha do bom senso: "Vangloriar-se... dar um grande show de vigor rude ao atacar, mas ser histericamente sensível à mesma qualidade nos outros... constantemente pregando a moralidade e constantemente ofendendo-a; sentimento e torpeza absurdamente unidos"¹⁰ - por mais nojento e desprezível que tudo isso seja, os populistas de direita têm sido mais do que capazes de canalizar os ressentimentos e os medos da classe baixa, mesmo que a plataforma totalmente neoliberal da AfD dificilmente melhore as condições de vida de seus eleitores proletários.

Totalmente desprovidos de autoestima, temendo conspirações em cada esquina, sempre recebendo um tratamento injusto: no estrangeiro que o enigmático curso da história depositou em suas costas, os subalternos veem um reflexo borrado de seu próprio fracasso em se integrar à sociedade. Isso torna ainda mais importante traçar fronteiras, defender-se até mesmo da mínima possibilidade de se identificar com o estrangeiro. Embora as massas conformistas possam concordar superficialmente com os slogans da nação e do povo, internamente essa massa se decompõe em milhares de descontentes egocêntricos, incapazes de lidar com a complexidade do mundo, entusiasmados pela "autoridade da revelação pessoal" (Hegel). Eles pregam em fóruns da Internet, cheios de frases incoerentes e ininteligíveis, resistindo a qualquer tipo de comunicação. Nessa estranha farsa, eles trocam constantemente de papéis, passando de "voz solitária no deserto" a "soldado raso das massas populares sem restrições". Se a religião serviu como ópio do povo na era revolucionária, a teoria da conspiração é a cocaína para a era da desesperança.

⁹ Consulte Wildcat, ["Migration, refugees and labour"](#) (Migração, refugiados e trabalho), Wildcat nº 99, inverno de 2016.

¹⁰ Marx, ["Moralising Criticism and Critical Morality"](#), na Deutsche-Brüsseler-Zeitung nº 86, 1847.

O esquerdista que clama pela reabilitação dos viciados e pela unidade na luta antifascista contra a AfD e todo o resto se torna, intencionalmente ou não, nada mais do que um professor de educação cívica militante. A maioria dos meios de comunicação estabelecidos está cerrando fileiras contra a Nova Direita, o que apenas empresta à sua imagem pseudo-rebelde alguma medida de credibilidade; os revolucionários não têm lugar nessas coalizões, que incluem todos, desde os tabloides de direita até os benfeitores protestantes como Margot Käßmann. Os apelos antifascistas para deter os "marginais" - como o Vice-Chanceler Sigmar Gabriel chamou os racistas que protestavam contra ele - podem parecer duros, mas não dão nenhuma resposta à questão decisiva de como a divisão nacionalista dentro do proletariado pode ser superada - essa divisão, a propósito, também pode funcionar sem racismo, como mostra a postura anti-imigração de vários trabalhadores de ascendência turca e árabe.

O antagonismo sistêmico entre proletários excedentes e potencialmente excedentes determina o clima político geral em todo o mundo desenvolvido: "lixo branco" e trabalhadores de colarinho azul a favor de Trump e contra os mexicanos nos EUA, trabalhadores no norte da França contra os banlieusards, mineiros pós-comunistas da Sibéria contra imigrantes do Cáucaso, o Partido da Liberdade como o partido da classe trabalhadora austríaca - em todos os lugares, aqueles que ainda têm trabalho temem que aqueles que lutam apenas para sobreviver tomem seus empregos. Os revolucionários sociais estão desamparados e perplexos em tempos em que a marcha da produtividade produz cada vez mais proletários excedentes, em que os trabalhadores no chão de fábrica direcionam sua raiva mais para os concorrentes dentro de sua própria classe do que para seu inimigo comum e esperam, acima de tudo, encontrar um comprador para sua força de trabalho.

O que significaria, à luz dessa divisão, "apontar e trazer à tona os interesses comuns de todo o proletariado, independentemente de qualquer nacionalidade"¹¹ ? A crítica comunista sempre pretendeu ser mais do que a mera proclamação de um dever. Ela tentava abordar os "interesses do movimento como um todo" e o potencial de uma sociedade livre no presente a partir dos "objetivos imediatos" e dos "interesses momentâneos da classe trabalhadora". As esperanças de que os refugiados se tornem a vanguarda de novas lutas de classe são tão infundadas quanto a busca por um interesse

¹¹ Manifesto do Partido Comunista.

de classe comum *imediato* é fútil. Os proletários que se apegam a seus passaportes alemães e fazem os outros sofrerem não podem ser simplesmente convencidos a se identificar com seus interesses de classe. Só podemos apontar para o fato de que seu desejo de patrulhas de fronteira para manter afastada a miséria de um mundo que se desintegra pelas costuras não será atendido a longo prazo. Os comunistas há muito tempo sustentam que o medo de se tornar supérfluo é apenas o outro lado da possibilidade de um mundo sem trabalho, que a crescente falta de empregos aponta para oportunidades que antes eram utópicas. Atualmente, essas noções permanecem totalmente abstratas. No entanto, isso não impede que o influxo contínuo de partes completamente devastadas do mercado mundial chame a atenção para a necessidade de um levante concreto que concretize essas possibilidades.

Amigos da Sociedade Sem Classe, novembro de 2016